

CHINON



DE TOURS A CHINON

Deixamos Tours nesta manhã do domingo, 12 de dezembro de 2010, um dia que começa acinzentado. As baixas temperaturas que se sucederam à nevasca desta semana deixam a paisagem bem parecida com todas as nossas representações de um Natal europeu. Paramos para as últimas fotos, registrando parte da fachada do *Hotel de Ville* e do *Palais de Justice*, com a fonte e a árvore enfeitada em azul que estão na pequena rotatória em frente a essas duas imponentes edificações.



Acima, a fachada do Hotel de Ville, de Tours, a sede de executivo municipal. Ao seu lado esquerdo, está o Palais de Justice, registrado na foto seguinte.



No *Hotel de Ville*, estivemos na 5^a. feira anterior, numa recepção preparada aos participantes do *Colloque sur les villes moyennes et petites*, seguida de um *cocktail* que os franceses denominam *dinatoire*, cuja tradução daria, em português a estranha palavra jantatório. Os franceses são muito caprichosos na organização desses eventos e, sempre, percebe-se um apoio do poder público municipal a essas atividades. O maior evento de Geografia da França, o Festival de Saint-Dié-des-Vosges é organizado e patrocinado pela prefeitura da cidade que lhe dá o nome. Em Amiens, quando estivemos por ocasião de uma reunião do Centro de Recherches sur l'Industrie et l'Aménagement (CRIA) onde fizemos o pós-doutorado, também fomos recebidos pela equipe da Prefeitura e da Câmara de Comércio e Indústria. Essa é uma realidade bem diferente da brasileira.



Acima, as fotos do lustre do salão, onde estávamos realizando uma das sessões do colóquio, e a pintura que adornava o teto. Em seguida, dois registros do salão, o primeiro com a mesa onde estavam os palestrantes, vendo-se o mesmo lustre compondo o ambiente e o segundo, na direção oposta, vendo-se os participantes do colóquio em volta da mesa do dinatoire. Pela janela, entrevê-se a árvore de natal azul que está na praça em frente, registrada na primeira foto.





Agora saindo de Tours, tenho a impressão que não voltarei mais a esse lugar. Um tipo de sensação que se tem, quando se gosta de uma cidade, mas não o suficiente para, aos 55 anos, eleger-se com um local ao qual se quer voltar. Eliseu logo lembra: “Quando menos se espera, acaba acontecendo”.

O percurso até Chinon é feito por uma estrada provincial, que são as mais simples existentes na França. Trata-se de uma via agradável e com um asfalto melhor que o das nossas autoestradas. Em alguns trechos, as árvores com sua aparência invernal formam um corredor agradável que enfileira as paisagens da campagne francesa.

Ao entrarmos em Chinon, uma cidade de pouco mais de 8 mil habitantes, já nos deparamos com a imponência da muralha que ladeia o enorme castelo. Trata-se de uma cidade medieval, cheia de passagens históricas importantes para a França. Contornando essa muralha que faz um arco a oeste do castelo, chegamos ao Rio Vienne, um dos afluentes do *La Loire*. Na França, há rios nomeados como

femininos: *La Seine*, *La Loire*; outros são tratados no masculino: *Le Rhône*, *Le Cher*. Pensamos um pouco se havia um motivo e não encontramos...

O Rio Vienne marca a estrutura urbana de Chinon. Ao longo dele, estão nas duas margens construções bonitas que parecem ter sido edificadas nos séculos XVIII e XIX, mas começa muito antes a história desse *petit pays*, que se notabiliza pela produção de uvas e pela fabricação do *vin du Chinon*. No mapa fotografado abaixo, vê-se a cidade se estendendo a logo desse rio.



Essa região foi ocupada pelos gauleses e, em 1152, Henri II tornou o castelo fortaleza a sede do domínio d'Anjou, estendendo até ali o enorme território sob comando da Inglaterra. Em 1205, a fortificação foi tomada por Philippe Auguste. Ele teve a ajuda de Jean sans Terre, que traiu seu próprio irmão, Ricardo Coração de Leão, que até então dominava o castelo. No mapa que se segue, pode-se visualizar a região da Touraine, onde estão Chinon e Tours.



Desde Philippe Auguste até Charles VII, em 1429, esse castelo foi a sede dos franceses e não se pode dizer que da França, cujo território em grande parte continuava sob domínio inglês. Foi nesse castelo, que Jeanne d'Arc foi ter com Charles VII, para que ele lhe autorizasse uma tentativa de retomar a França aos franceses o que, de fato, ele autorizou e ela conseguiu, acabando com a Guerra dos 100 anos com a Inglaterra.



Acima, a rampa que dá acesso ao castelo, ao fundo, vê-se à direita uma parte do resto da muralha que o cercava. Internamente, o castelo é tipicamente medieval, com poucos adornos e seu caráter de fortaleza, fica patente nas pequenas aberturas da torre principal, de onde se pode ver e não ser visto com facilidade.



O museu castelo que conhecemos agora é bem preparado para receber os turistas. Em cada uma das salas pelas quais se passa, seguindo a ordem sugerida para a visita, há projeções de pequenos filmes, de três a quatro minutos, em que se encenam os grandes momentos vividos por Chinon e seu castelo. É magnífica a vista da cidade e do rio, que se tem dos pátios internos à muralha que cerca o castelo. Para chegar ao ele, edificado bem no alto, utilizamos um moderno elevador de aço e vidro. Para descer, percorremos as vielas medievais e chegamos à cidade estendida ao longo do rio.



A foto acima e a seguinte mostram a maravilha da vista que temos a partir do castelo fortaleza, com a ponte estilo romana cortando o rio e as edificações de telhas de ardósia se estendendo nas duas margens. Também na página seguinte, o Eliseu, em posição oposta, no mesmo pátio do castelo, tendo ao fundo, a área rural.



Há uma animação típica das cidades francesas nas manhãs de domingo. Gente de toda idade, com seus melhores trajes, parecem voltar da missa, passando pela *boulangerie* (o perfume do pão saindo do forno inundava as ruas) e pela feira, com não mais que cinco ou seis barracas. Na dos queijos, mas onde podemos escolher dois entre uns vinte diferentes que se apresentam a nós, aguçando o desejo do lanche que virá mais tarde. No Café de La Paix, na esquina frontal ao rio, vemos dois casais de terceira idade, mandando ver uns copões de vinho quente às 11h30 da manhã e quatro senhores que discutem as notícias do jornal que têm em mãos (o Chinonais), enquanto enfrentam uma taça cheia de vinho branco.



Uma das ruas de pedestres de Chinon, ao sopé do castelo, é uma via paralela ao rio.

Do mesmo modo que em Tours, em Chinon me lembro do livro Geografia Urbana de Pierre George, especificamente do capítulo em que ele relaciona sítio e posição, mostrando como a escolha do local para fundação de cidades tem que considerar esses dois elementos. O sítio tinha que se compor de um espaço topográfico que contivesse área com elevação de modo a que a fortaleza que defenderia o burgo pudesse se estabelecer. Ao mesmo tempo, era importante a posição lindeira ao rio, tanto para o abastecimento quanto para o transporte.

Atravessamos a pequena ponte, estilo romano, que nos leva ao sul de Chinon, passamos por outra *boulangerie* e por um pequeno 'resto' chinês (eles estão por toda a França) e tomamos a estrada departamental D 760, cruzando campos em que se alternam o trigo, começando a brotar, e a terra negra revolvida, preparando-se para o plantio próximo.



Trecho da rodovia D 760, logo após a saída de Chinon.

De vez em quando, um parreiral se estende, mostrando sua crueza, nessa altura do ano, quando a ausência de folhas e de uvas, deixa os seus galhos antigos e retorcidos à mostra. Sucedem-se as placas indicando a entrada para propriedades onde se pode degustar e comprar vinho, adquirir queijo de cabra (*fromage de chèvre*) ou encontrar hospedagem e alimentação em *chambres d'hôtes*. Realmente, o campo na França é lindo: não se vê um pedacinho com o mato crescendo.

As casinhas que pontilham a área rural, isoladas ou em pequenos agrupamentos que formam *villages*, estão bem conservadas e denotam que, em todo verão, os reparos são feitos e a pintura é retocada. A fome começava a apertar e iniciamos nossa procura por um cantinho para o nosso pic nic.



Até que o sol se por, por volta das 17h, percorremos estradinhas departamentais, cortando o nordeste da pequena região Puy-de-Dôme em direção à Clermont-Ferrand.

Embora a aparência de cuidado com a manutenção das construções e das edificações se mantenha, já se percebe que cruzávamos um território mais pobre que o da Toraine, de onde estamos vindo. Nas *villages*, pelas quais passamos as casas são menores, com o pé direito mais baixo. No campo, as propriedades parecem ser um pouco maiores pelo que se depreende pela distância entre uma casa e a outra. Talvez sejam o que se classificaria, na França, como médias propriedades. A agricultura continua bonita, mas se mescla com o gado leiteiro.

Ao longo das estradas, ou na entrada das propriedades, compondo um caminho até a edificação principal, sempre há fileiras de árvores, em grande parte das vezes da ‘família’ dos pinheiros.

Vendo-as de longe, compondo essa imagem invernal, são lindas, porque a ausência de folhas deixa passar os raios de sol do final da tarde, compondo um contraste sombra-luz, que fica muito bonito.



